

OS CONTOS DE FADA NO PROCESSO DE LETRAMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E A INTERPRETAÇÃO ATRAVÉS DAS IMAGENS

Autora: Rosângela Barbosa Sarinho

Pós-graduanda em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos

Co-autora: Valéria Barbosa Guedes

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

Este trabalho objetiva estimular educadores a trabalhar obras literárias ilustradas no início da educação infantil. As historinhas criadas apenas com figuras podem ser usadas especialmente para desenvolver o intelecto e a interpretação dos iniciantes. Mesmo não conhecendo os signos linguísticos, as crianças possuem conhecimentos prévios, o que as capacitam para serem autoras de suas próprias histórias, independente do que esteja escrito, apenas através das imagens. Os contos de fadas favorecem nessa metodologia por ser um estilo literário que possibilita o entendimento e criatividade. Com o desenvolvimento intelectual, as crianças poderão ter mais facilidade ao letramento, processo inicial que é praticado com muitas dificuldades por parte de educando e educador, com isso, os contos de fada vem incentivar a aprender de forma encantadora sem o cansaço dos métodos tradicionais e monótonos. Como recursos teóricos utilizamos as concepções de R.H.R Rojo, Fanny Abramovich, Yetta M. Goodman, Regina Zilberman, entre outros autores.

Palavras-chave: Contos de fadas, Letramento, Educação Infantil.

ABSTRACT

This paper aims to stimulate educators working literary works illustrated in the early childhood education. From the fairy tales that are part of this educational group. The stories created only with figures can be used especially to develop the intellect and the interpretation of beginners. Even not knowing the linguistic signs "yet", the children come to the institution with a 'burden' prior knowledge, which enable them to be the same authors of their own stories, no matter what is written only through the images. Fairy tales in favor of educators methodology, since this literary style allows the understanding and creativity. With the intellectual development, children may find it easier to literacy. Initial process is practiced with many difficulties on the part of student and educator, with that fairy tales come to encourage children to learn in a charming, without the exhaustion caused by traditional methods and monotonous.

Keywords: Fairy Tales, Literacy, Early Childhood Education.

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata da inserção de textos literários dentro do processo de letramento para alunos iniciantes da educação infantil. Contribuindo tanto com o aprendizado de uma forma prazerosa, explorando através dos contos de fadas, o encantamento que esse estilo proporciona. A pesquisa vem estabelecer um estímulo, fazendo com que educando e educadores possam usufruir de forma sadia do mundo encantado dos contos de fadas. Dessa

forma, as atividades se transformam em brincadeiras onde o imaginário é explorado e o aprendizado fica bem mais interessante.

O que pretendemos é de um modo especial trabalhar o conhecimento das crianças por meios ilustrativos, ou seja, os contos de fadas desenhados. Permitir que os alunos demonstrassem as suas criatividade por meio das imagens e promissoramente tornarem-se pessoas letrada e com uma identidade cultura bastante diversificada, além disso, usar uma metodologia contextualizada para atuar no processo de alfabetização. O que importa, aqui, é a aquisição das obras literárias dentro do processo de letramento que ocorre geralmente na etapa inicial da aprendizagem da educação infantil.

Creches e pré-escolas são pontos de partida fundamentais para integrar esse tipo de conteúdo, desde que seja correspondente com a faixa etária deles. Sabendo ainda que as instituições governamentais também dispõem de uma importante diversificação de obras para a disposição das entidades visando a criação de identidades culturais e, mais que isso é trabalhar aspectos realistas sem danificar a imaginação dos alunos. Portanto, seria uma mudança metodologicamente interessante para ser abordada em sala de aula. Fazendo com que a monotonia tradicional que atua diretamente com o conhecimento linguístico não interfira no aprendizado e oportunizando a associação que combate à ideia de conhecimento prévio que a criança adquire antes de entrar no sistema escolar.

Contudo, temos como objetivo geral: estimular os educadores a inserir as obras literárias ilustradas na educação infantil. Mais especificamente, a) contribuir para tornar a aula num aprendizado prazeroso e sem transtornos; b) aproximar a obra literária das crianças como parte do letramento, do lúdico e do imaginário e c) usar a imagem como instrumento que deve está associado aos signos linguísticos dentro do processo de letramento.

O tema é significamente, interessante, por que é algo que pertence ao mundo infantil, e faz parte dos interesses da literatura. Além disso, usa os desenhos como ponto de partida para o surgimento de várias outras criações dos mesmos através de uma única historinha. A metodologia aqui aplicada é teoricamente científica, buscamos o apoio de teóricos que discutem o processo de letramento ao qual atribuímos como referências, “*Os significados do letramento*” organizado por Ângela Kleiman, “*Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita: perspectivas piagetianas*”, organizado por Yetta M. Goodman e, para nos orientar sobre a abordagem dos contos e o resultado deles na vida das crianças em início escolar escolhemos o livro “*Literatura Infantil: gostosuras e bobices*” de Fanny Abramovich e ainda

inserimos como base teórica a referência de Tereza Colomer (2007), que nos orienta quanto aos caminhos e possibilidades que a leitura nos oferece, além disso, a autora disdreve alguns pontos de interesse por onde podemos explorar as diversas práticas de leitura çiteraria, principalmente no início do letramento.

O que, de modo geral, se espera de um trabalho de pesquisa é crescimento, integração com os outros através da troca de ideias e conhecimentos novos, e, de maneira formal poder auxiliar demais profissionais a aprimorar as metodologias educacionais com materiais variados.

O presente estudo ocorre com base no desenvolvimento do processo de letramento da educação infantil utilizando como recurso didático os contos de fadas ilustrados, que servirá de intermédio para a prática da leitura e da escrita, contribuindo de modo significativo para o avanço do desenvolvimento intelectual e, auxiliando na aprendizagem infantil para trabalhar com eles a interpretação e o desenvolvimento intelectual.

Contudo, iremos expor a capacidade de nos envolver, nos maravilhar partindo de uma situação real e saber atuar diante das emoções que as estórias podem causar na vida das crianças. Preparando-as para desafios e resistências que elas podem passar diante das dificuldades da vida, e focalizando ainda mais, tornar o letramento dos iniciantes em um momento de criatividade, de ideias interessantes e deixar com que eles produzam por intermédio de sua própria inteligência. Diante de tal, propomos desafios para que elas busquem soluções por meio da aprendizagem que os contos de fadas ofereceram. E, a partir dessa simples leitura propor aos educadores a continuação desse trabalho de leitura através de obras literárias não muito extensa, buscando criar um interesse pela leitura literária desde cedo, não pelas exigências da escola, mas por autonomia mesmo.

Segundo Cashdan (2000), os contos tem como atrativo inicial, a capacidade de encantar e entreter e seu valor reside no poder de ajudar as crianças a lidar com os conflitos internos que enfrentam no processo de crescimento. Ele ainda explica que os contos de fadas não foram escritos para crianças, e, em sua forma original esses textos traziam fortes doses de adultério, incesto e voyeurismo. A partir do sec. XVI os contos ainda para adultos começaram a ser reunidos em coletâneas.

Considerados clássicos, as versões infantis dos contos de fadas foram totalmente expurgados e suavizados. Nascido na França no sec. XVII por Charles Perrault. Para Cashdan (2000), essa transformação em literatura infantil ocorreu apenas no sec. XIX, em função das atividades dos

ambulantes que viajavam vendendo volumes de livros baratos ou chapbooks como eram chamados. Integrando a esse grupo Hans Christian Andersen, poeta e novelista, imbuído no espírito do romantismo escreveu cerca de duzentos (200) contos infantis. Parte deles retirado da cultura popular e a outra das suas próprias criações, publicados entre 1835 e 1872 e intitulado “Contos”, essa coleção consagrou-o como o verdadeiro criador da literatura infantil e entre suas obras temos conhecimento: O Patinho Feio, A Pequena Sereia, A Princesa e a Ervilha, (ZILBERMAN, 1985).

Apenas no final do sec.XVII é que Perrault manifesta a intenção de escrever para crianças, mais especificamente para meninas. Cashdan (2000) ainda afirma que, o procedimento pelo qual as crianças podem utilizar os contos de fada na resolução de seus problemas é no modo como os contos de fadas oferecem palco para elas representarem seus conflitos internos.

O Processo de Letramento

Consideramos letramento um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnológico em contextos e fins específicos. Esse fenômeno que vai além do mundo da escrita, nos permite afirmar que a escola é a mais importante das agências de letramento e, não está preocupada com o letramento enquanto prática social, mas apenas com a alfabetização como afirma Kleiman (1998).

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mais apenas com um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola, (KLEIMAN, 1998).

Ao contrário do que se afirma sobre o letramento se tornar letrado não consiste apenas no saber ler ou escrever, é atribuído a ele a importância de se conhecer os meios pelos quais se fez parte, não é só conhecer o signo e saber o seu significante, mas poder usá-los contextualizado as suas funções e saber valoriza-lo dentro da sociedade, e ainda mais, é saber o seu papel dentro da mesma. A autora ainda fala que o uso da escrita praticada pela escola é entendido como uma concepção de letramento dominante. Denominada como modelo autônomo por Street (1984) onde há uma maneira de letramento desenvolvido. *O processo de interpretação estaria determinado pelo funcionamento lógico interno ao texto escrito, não dependendo das (nem refletindo, portanto) reformulações estratégicas que caracterizam a oralidade,* (KLEIMAN, 1998).

O letramento e a escolarização ocorrem paralelamente. Contudo, as habilidades dependem da prática em que o sujeito se insere enquanto usa a escrita. O desenvolvimento dessas habilidades cognitivas é consequência da escola e estas foram atribuídas pelo modelo de letramento autônomo. Portanto se a escrita é ampliada paralelamente, podemos considerar a oportunidade de desenvolvimento do intelectual, no uso da leitura de obras literárias decorrentes da mesma etapa e a capacidade de interpretação aqui exposta pelos contos de fadas. Ainda pode-se afirmar que, estudos feitos com base nesse conteúdo comprovaram a capacidade para verbalizar o conhecimento é decorrência da prática discursiva na escola que valoriza não só o “saber dizer” (KLEIMAN, 1998).

Um modo de ver a linguagem oral e escrita através das semelhanças constitutivas permite pensar que a escrita seja apenas a continuidade da ampliação intelectual e linguística. Para Street apud Kleiman (1998), as práticas de letramento são elementos decorrentes da cultura e das estruturas de poder numa sociedade. Para tanto, seu conhecimento deve está associado a sua cultura e aos aspectos do seu meio social, podendo se diferenciar em muito outros aspectos e práticas. Lembramos que essas práticas mudam conforme o contexto, isso levando em consideração o modelo ideológico.

As práticas escolares de letramento autônomo considera que a escrita seja um processo neutro e tem como objetivo fina, a capacidade de interpretar e de escrever textos abstratos. Uma prática escolar que objetiva a produção de textos expositivos abstratos pressupõe uma separação polarizada entre a oralidade e a escrita. Apenas na língua escrita existe uma herança literária que codifica, reproduz e divulga valores culturais dos grupos de poder da comunidade (KLEIMAN, 1998).

Sabendo que o desenvolvimento da linguagem escrita é dependente do grau de letramento da instituição social, familiar e (pré) escolar, é o modo de participação da oralidade dependente do grau de letramento familiar que permite construir uma relação com a escrita. Portanto é ainda no faz de conta que “lê” e “escreve”, que as práticas são recortadas e ganham sentido para as crianças. A exposição e o contato das crianças aos livros infantis permite que elas possam expandir o conhecimento sobre estórias em si, sobre tópicos e sobre a escrita (ROJO APUD KLEIMAN, 1998).

Saber como as crianças desenvolveram a escrita foi tema para muitos estudos, de acordo com pesquisas elaboradas por Teberosky apud Kleiman (1998) nas perspectivas piagetianas, comprovaram que o modelo de atividades do aprendizado tradicional na alfabetização dos

principiantes é sempre usando a escrita associada à imagem. Denominada como uma postura comum à leitura de livros ilustrados e também no processo de compreensão individual da escrita. Analisando o desenvolvimento da escrita, ficou comprovado que as crianças com faixa etária de 3 a 4 anos, associam que o nome da imagem é as letras escritas ao lado do desenho conforme está indicado abaixo, (IDEM, 1998).

Ao estudar o desenvolvimento da representação da escrita, foi descoberto que crianças com 3 e 4 anos de idade acham que o nome da imagem está escrito nas letras que a acompanham. Afirma que crianças com essa idade até utilizam a expressão *nome* para referir-se ao texto escrito. O *nome* seria, ao mesmo tempo, o texto escrito e o conteúdo para que pode ser-lhe atribuído, (FERREIRO APUD KLEIMAN 1982 B).

Considerando que as atividades propostas envolviam “escrita e imagem” e, quais os tipos de grafias os professores obteriam melhores resultados, com isso, várias situações comprovaram serem bons convites para “escrever com imagens”. Entretanto, se consistiu em fazer com que as crianças utilizassem a indicação textual sob o auxílio das figuras. O que mais nos interessou foi o fato de que as crianças parecem construir seus próprios textos sem que seja propriamente uma cópia. Nisso elas aprendem a copiar como uma forma de se adaptar a escrita, (IBIDEM, 1982 B).

A incorporação da diversidade gráfica no campo do aprendizado significa a criação de condições parecidas com as que as crianças usam fora da escola. Preocupados com o modo “como” e “o quê” as crianças escrevem é que foi preciso a utilizar diversos temas e gêneros textuais como: histórias, poesias, entre outros adicionados as metodologias educacionais. Portanto é sabido que para alunos iniciantes tudo é usado como objeto de suporte e fazer uso da imagem pode acelerar o desenvolvimento da leitura e da e escrita, possibilitando ainda adiantamento das habilidades cognitivas, intelectuais e interpretativas a partir das ilustrações, sejam elas, imagens isoladas, como propagandas ou ainda mais amplo, historinhas infantis, no caso, aqui, citamos como suporte para o estudo os contos de fadas ilustrativos para despertar o interesse e a atenção delas de um jeito encantador.

Os Contos de Fadas Ilustrados na Construção da Escrita

De acordo com Abramovich (1997), esses livros ilustrados são experiências do olhar múltiplo, pois conseguimos ver “com os olhos de autor e leitor”, ambos vendo o mundo e os personagens do modo diferente conforme percebem esse mundo. Além disso, nesses livros podemos perceber a maneira como eles desenham seus personagens, desde a bruxa até os avós presentes na estória, e são características que independente da história todos são igualmente

caracterizado. O que cabe, aqui, não é trabalhar apenas os desenhos mais a importância de ficar atento aos estereótipos, estreitando os laços entre a visão e a forma de ser das pessoas e ajudar a criança a perceber isso.

Deixar a criança interpretar e entender as histórias independentemente do auxílio adulto pode ser um ponto de partida para que a mesma possa por conta própria enfrentar com êxito situações difíceis. É desse modo que as crianças podem vencer as dificuldades da aprendizagem da leitura e da escrita, pois os contos de fadas ensinam isso de um formato todo especial. Os contos falam em suas histórias sobre os medos, o amor, as dificuldades de ser criança, as carências, as autodescobertas, as perdas e buscas e ainda resgata a diferença entre o bem e o mal.

Segundo Colomer (2007), os primeiros contatos que as crianças têm com a leitura ocorrem na maioria de forma oral ou audiovisual e com o auxílio do adulto seja ele no interior da família ou no ambiente escolar. Para as que ainda não sabem ler e que fazem parte de uma produção literária infantil e ainda estão em grande número nas creches e pré-escolas. É, pois através desses canais, dos livros infantis e das atividades propostas pelos adultos, que as crianças começam a se fixar nas bases de sua educação da escola obrigatória. A aquisição do sistema simbólico para eles ocorrem muita rapidez e nesse sentido os livros ajudam a compreender que as imagens e as palavras são representantes da experiência, enquanto que em outros casos, as ilustrações diferem da realidade em vários aspectos e fazem com que meninos e meninas reconheçam os objetos desenhados antes até dos dois anos de vida.

A autora fala que, na década de 70 os contos de fadas do norte americano Arnold Nobert demonstravam que se podiam produzir obras com vocabulário limitado e um cuidado especial que, para Bettelheim e Zalan (1983), consiste em valorizar o significado da história por ser muito mais importante para a aprendizagem infantil do que a facilidade da técnica de leitura e, mais importante ainda do que determinar o número de palavras não familiares. Ou melhor, aqui ele se refere à atribuição de palavras novas e até então desconhecidas pelo vocabulário infantil.

Bettelheim (1978) compara o caráter simbólico do conto e sua adequação à criança bem como a sua índole dentro da literatura infantil. E o relato ainda traduz os conflitos interiores do jovem assim como suas possíveis soluções como assinala a seguir,

Igualmente salienta o caráter desse tipo de narrativa, assinalando ainda que decorre do fato a adequabilidade do gênero à criança, assim como sua índole

exemplar dentro da literatura infantil. Por sua vez, o autor vincula essa validade à noção de que o relato traduz, de modo imagético, os conflitos interiores do jovem, assim como suas possíveis soluções, de sorte que a leitura do texto pode levar ao reconhecimento e à superação do problema. Portanto, para ambos os escritores, é da função que a literatura pode exercer com a criança que advém sua justificativa e seu valor, (BETTELHEIN, 1978).

Diante das muitas transformações e adaptações que ocorre nas obras literárias, os livros destinados à infância tem se originado de modo significativo na adaptação, decorrente da sua própria natureza que é mantido para qualquer produção infantil. Por isso, ela transparece em todos os elementos conforme identifica os ângulos na adaptação: adaptação do assunto (que considera a compreensão de mundo do recebedor); da forma (visando o interesse do leitor e as suas condições de percepção do real); do estilo (o vocabulário e a formulação sintática não podem ultrapassar o domínio cognitivo do leitor); do meio (presença de ilustrações e tipos gráficos grandes, assim como a escolha do formato, os aspectos externos do livro e as condições de atração das obras).

Desse modo, os contos de fadas da literatura infantil servem não apenas para encantar as crianças, mas para ensiná-las o caminho certo e as decisões que podem ser tomadas de acordo com obstáculo que elas enfrentam. Quando colocamos nas mãos de uma criança que não conhece nenhuma letra ou palavra, um livro onde se conta historinhas apenas através dos desenhos, nisso, estaremos permitindo que outras histórias e personagens sejam criados a partir de figuras que vão levar as crianças o desafio de interpretar e na versão delas abrir caminhos para outras aprendizagens. O mundo infantil é um espaço que se aprende tudo com muita rapidez, e o lado intelectual da criança um lugar que possibilita a aquisição de vários códigos, sem que sejam esquecidos.

De acordo com Colomer (2007), ler as obras da literatura serve para aprender em geral, e escrever literatura serve para dominar a expressão do discurso. Na etapa primária as crianças leem muitos contos, mas escrevê-los é também considerado uma atividade autônoma muito frequente nessa fase. Escrever contos tornou-se um instrumento muito importante e que mobiliza de forma ativa e gráfica os conhecimentos implícitos e explícitos de saber como se constrói uma narrativa literária. Mas, fica evidente que um aluno de ciclo inicial que escreve um conto curto de até cinco linhas não consegue obter sucesso, pois compreende numa leitura sem desfecho e que termina de forma abrupta sem resolver o conflito.

É geral, aprender a ler e a escrever de forma consciente através de textos extensos e de ficção é que as crianças conseguem dominar com facilidade, o que implica que estes deveriam contribuir para o domínio da leitura e da escrita de qualquer tipo de texto. Ampliando a atividade de redação com os contos, os educadores que sempre ensinam muito mais do que o programa se baseiam em algumas atividades em relação à escrita de contos, são elas: a) a atividades de geração de ideias (a escola focaliza a valorização positiva da originalidade e da fantasia em contos produzidos pelas crianças); b) a estrutura narrativa (dividir os contos em suas partes principais, recompor contos, inventar as partes que faltam); c) os modelos da literatura tradicional (conscientizar sobre a importância educativa e literária dos contos populares), e d) o trabalho textual, o diálogo e as formulas de início e fim (exercícios prévio às redações na tarefa de melhorar os textos que já foram escritos, (COLOMER, 2007).

O que interessou a autora foi pensar em livros para leitores iniciantes, especialmente para aquelas que ouviam a leitura de contos narrados pelos adultos. Já que os livros infantis eram escritos apenas para as que sabiam ler. Mas a criação dos Jardins de Infância coincidiu com a mudança dos pressupostos educativos nessa área, devido a isso houve a necessidade da criação de livros para serem manuseados, olhados e lidos pelos pequeninos. Posto que eles devam resolver dois tipos de dificuldades, primeiro que provem do desajuste entre o que a criança já é capaz de entender oralmente e o que podem ler elas mesmas. A segunda é que as histórias são muito simples e as crianças podem achá-las desinteressante. Continuamos com a resposta para a primeira dificuldade, com isso, assinalaram-se alguns exemplos gerados pelos livros infantis, para facilitar a leitura individual e autônoma, que coincide com o modelo de letramento autônomo exposto no início desse estudo.

A essa resolução foi dada alguns exemplos, primeiro, uma cuidadosa divisão da informação em pequenas unidades que estabelecem uma completa orquestração de ritmos que compõem a sequência, segundo a incorporação da ilustração como elemento construtivo da história e não como uma simples elaboração artística do texto. Terceiro a ocultação do narrador em favor das perspectivas narrativas externas, que se convertem em uma dramatização dialogada diante dos olhos do leitor. Quarta a interposição de personagens infantis, entre o leitor e a história o que permite utilizar uma figura que negocia os significados previstos como excessivo para compreensão infantil. Mesmo tendo a capacidade ilimitada de conhecimento. Mesmo assim, existe uma capacidade limitada para receber uma grande quantidade de informação e de estabelecer relações de causa e efeito, entre um número elevado de ações narrativas. Portanto,

para os iniciantes, é importante a divisão de sequências curtas que lhes auxiliaram na autonomia da narrativa (COLOMER, 2007).

A presença da imagem em livros infantis permite colocar elementos distintos da narrativa que podem permanecer presentes na história sem sobrecarregar o corpo do texto. Grande parte dos livros infantis atuais recebeu nome de “Álbuns” pra diferenciá-los dos contos ilustrados que incorporavam a imagem como um elemento integrante da história, de forma que, o texto e ilustração complementa a informação. Em outros casos, ao contrário, a imagem proporciona o andaime para chegar a histórias mais complexas. Também utilizamos como um recurso que colabora com a inclusão de alusões culturais e literárias, mesmo com o pouco conhecimento cultural dos iniciantes (IDEM, 2007).

A necessidade que os alunos têm de um simples comentário abriu-se caminhos para o desenvolvimento de experiências educativas da leitura guiada e essas práticas educativas se baseavam em pelo menos três requisitos como: a possibilidade da ampliação da expressão do leitor, pois este experimenta os limites e as variações da interpretação subjetiva; na construção de sentido através das formas de diálogos e debates e, na inter-relação das atividades de leitura e escrita ou a ligação com os conhecimentos ficcionais e literários presentes no entorno dos alunos.

As dúvidas que ocorrem com relação aos conteúdos, faz com que os educadores optem pela leitura de fragmentos onde mais do que orientar é o professor que interpreta o que faz os alunos tomarem nota, diante de um exame e comprovem nos textos as características gerais que deve também se direcionar a leitura de algumas obras determinadas. O professor mediador é quem atribui informações, para o aluno entender alguns aspectos obscuros e assim chamar a atenção para outros fatores. Quando eles alcançam a concepção da leitura abrem espaço para conhecer a interpretação dos especialistas e suas versões a respeito do texto. É como se os alunos só envolvessem a opinião dos especialistas diante do seu entendimento e, para que a opinião dos demais sirva para ampliar suas informações como afirma a seguir,

O guia deve servir para mostrar o modo de vencer as dificuldades de sentido da obra, oferecer informação imprescindível para entender determinados aspectos obscuros e chamar a atenção sobre outros aspectos, que suscitem interrogações inadvertidas ou que estimulem novas interpretações mais complexas, (COLOMER, 2007).

O jogo das interpretações é uma constatação que faz parte do aprendizado da leitura, combatendo a ideia de que uma obra tem apenas um significado sempre e para todos. É

através da leitura de obras que as crianças descobrem que a literatura não esgotam suas mensagens, nem que a mesma pode ser entendida de uma única forma por todos, e, que não se entende igual, pelo nível de aprofundamento e pelo número de leitura que se faz da mesma. Nem ainda pela etapa da vida que o leitor se situe, até quando buscamos significados de vários tipos não estamos com a ideia que sintetizamos na primeira leitura. A cada leitura cabe uma interpretação e uma ideia diferente das anteriores (IDEM, 2007).

Para a autora, ao trabalhar com leitura temos a possibilidade de explorar diversos objetivos, tanto aproveitando a guia do próprio texto onde o educador vai poder avaliar as informações quantitativas da leitura de cada aluno, e exercitar as habilidades leitoras para que os alunos possam posteriormente saber escolher os livros de forma autônoma, dando a oportunidade ao professor de conhecer os gostos e a capacidade de seus alunos. Ela ainda oferece alguns tipos de leituras compartilhadas e, integrada nos objetivos escolares. Dispõe de uma leitura interpretativa integrada na programação do ensino literário com o objetivo de adquirir competências e conhecimentos de maneira implícita e/ou explícita. Incentivar a prática da leitura e a ler são dois eixos que discorre a inovação do ensino literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que, não podemos desconsiderar a carga de conhecimento que a criança adquiriu nos seus primeiros anos de vida através da família e da sociedade em si. Constatamos assim, como foi apresentado no estudo anterior, trabalhar com a imagem é a melhor forma que se poderia trabalhar.

Mesmo sabendo que a imagem usada isoladamente não contribui de modo satisfatório, pensando nisso, os contos de fadas ilustrados podem diferenciar esse conceito. Trata-se, aqui, de um gênero textual que mesmo sendo criado apenas com imagens, sem as palavras expostas de algum modo ele não está isolado. A criança percebe que ali, mesmo não sabendo ler nem escrever, mas com a experiência da oralidade ela pode narrar do modo dela o que ocorre em cada cena, de acordo com seu ponto de vista, e ainda trazendo segundo o que a sua imaginação cria para aquelas gravuras.

Os contos de fadas como ficou claro no estudo, possibilita a criação de interpretações, associações e permite abordar vários métodos de leitura. Por tanto é necessário que saibamos adequar a leitura ao público específico. Além disso, o conto de fadas adaptado na versão infantil está preparando o aluno iniciante para que eles saibam se superar em suas dificuldades

e mesmo diante de tais saber como agir. Como podemos perceber também, é a imagem que faz com que a criança liberte a criatividade e ainda auxilia a mesma na aquisição da escrita. Só depois que se aprende a leitura é que os alunos têm a capacidade de escrever.

Como foi visto a criança só tem estímulo para aprender, quando o educador passa desafios e também dá importância ao que elas produzem mesmo quando seu discurso escrito ainda não façam tanto sentido quanto uma versão criada por alguma pessoa mais experiente.

Assim, os contos de fadas ilustrados é um dos melhores métodos para trabalhar o processo de letramento na educação infantil, porque proporciona uma variedade de aspectos que compreendem desde a aquisição da leitura autônoma até o conhecimento de mundo que existe na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno e ZALAN, Karen. *Aprender a ler*. Barcelona: Crítica, 1983.

_____. *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CASHDAN, Sheldon. *Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam em nossas vidas*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

COLOMER, Tereza. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. (trad.) Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

GOODMAN, Yetta M. *Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

OS SIGNIFICADOS DO LETRAMENTO: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Ângela B. Kleiman (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

PALO, Maria José e OLIVEIRA, M^a Rosa D.. *Literatura Infantil – voz de criança*. São Paulo: Ática, 1986.

ROJO, R.H.R. *Letramento e Alfabetização: perspectivas linguísticas*. São Paulo: EDUC/PUC-SP

STREET, B. V. *Lyteracy in Theory and Practice*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global Ed. 4^a ed., 1985.